

MARTINS, Alberto Alexandre. *Poemas*. Xilogravuras do Autor. São Paulo: Duas Cidades, 1990. (Col. Claro Enigma). 64p.

“Dia-a-dia/sintetizo uma resina:/negra, biliosa/fadada a ferir os signos/vedar temporariamente os poros. Assim construo/um cristal opaco/que resiste aos nomes/ e os contamina”. Estes versos, que definem de uma certa forma a atividade artística, são um dos melhores momentos do pequeno e cuidadosamente editado livro de Alberto Alexandre Martins, um dos últimos volumes da Coleção Claro Enigma, organizada pelo poeta, crítico e professor de Literatura Brasileira Augusto Massi. Em versos curtos, poucas estrofes e uma busca obsessiva pela plasticidade, este paulistano de 32 anos, formado em Letras, mestrando em Literatura Brasileira pela USP e artista plástico, mostra que a poesia brasileira de qualidade não morreu com Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) nem está restrita tão-somente às rigorosas páginas de João Cabral de Melo Neto nem à dicção saborosa de Mario Quintana, Adélia Prado ou Manoel de Barros.

Mas não é somente a preocupação com o fazer poético – de resto, característica de modernidade – que torna *Poemas* um livro importante. Há muito mais: existe, por exemplo, uma determinação em escolher poucos temas (em geral, distantes do que os conservadores em Estética chamam de “nobres”), que são trabalhados de forma original, produzindo novidade, como em “Varredor de rua”: “Esta imagem/de pó/carvão e osso/é também uma visão”. Quatro versos, onze palavras, cinco substantivos. Concisão, essencialidade. O trabalhador braçal, sujo e faminto do poema

atrás bem poderia estar adiante com a sua cara estampada, dura, assustada, enfeitando uma caixa de “lambe-lambe”, como um garoto-propaganda meio contra a vontade: “O rosto/finalmente exposto/ na luz mineral do anonimato” (“Foto”).

Gente humilde, gente anônima, gente-objeto: “Os objetos da casa/calados me atravessam/no escuro/expõem/seus esqueletos claros:/ossos do avesso/ouço essas línguas como um estrangeiro” (“Os objetos da casa”). Essa obsessão pela visualidade e a atração por temas “menos nobres” podem levar a poesia de AAM a uma associação com a obra do norte-americano William Carlos Williams (1883-1963), principalmente em duas de suas obras-primas “The red wheelbarrow” (“so much depends/upon/a red wheel/ barrow/glazed with rain/water/beside the white/chickens”) e “Proletarian portrait”. É claro que, nos exemplos citados, WCW é mais discursivo do que AAM, mas o essencial é que a base é uma só: do simples, uma coisa simples.

A busca da visualidade na poesia de AAM leva, às vezes, o poema a uma situação de instantâneo, como se o poeta, com as armas da linguagem e o depósito seletivo da memória, procurasse recompor em palavras depuradas e numa sintaxe enxuta, um momento revelador, iluminado, fugaz: “Navios estanques/na beira do estuário/solidez/dos *containers*/nos amplos desertos/armazéns” (“Estiva”); “o animal/no campo/desembestadamente/só” (“Apontamentos”); “carregado de minério/o vagão/abandonado” (idem); “a estrada/sempr e adiante/sempr e adiante” (ibidem); “rofdas pelo sol/as ferramentas obedecem/ordens do metal” (“Oficina”).

Se a procura de uma constituição de imagens e a eleição de certos temas, retirados da pobre rotina do cotidiano, colocam AAM na órbita de um WCW, a fixação por um vocabulário reduzido no tradutor brasileiro de Jack London, Charles Bukowski e Iasunari Kawabata leva o leitor de poesia a uma referência quase que imediata às formosas “mesmas vinte palavras” do pernambucano João Cabral de Melo Neto, no poema “Graciliano Ramos”. No livro da Coleção Claro Enigma, as palavras-temas são “sol”, “memória”, “pó”, “pedra”. Sol: “Sol,/apara esta fala/de um solgume. Aqui/Eu me consuma/ e te cale” (“O Sol. IV”). Memória: “Minas de grafite/agulhas/no lugar de estrelas” (“Memória”). Pó: “O que a mó/guardou para si/ao moer/e o pó/pensou de

pedra/ao ser puído” (sem título). Pedra: “O sol é uma pedra/que o dia medianamente destrói/o sol/a pedra/o sacrifício” (O Sol I”).

Fazer do sol e não da lua – como os românticos incorrigíveis – palavra-tema é um procedimento que, modernamente, no Brasil, está estreitamente vinculado à prática poética de João Cabral, influência maior na obra de AAM. A poesia de AAM está plenamente carregada pela obsessão das “coisas claras”, sonhadas pelo “engenheiro” de JCMN, pela alta frequência de determinados substantivos e adjetivos, bem como por uma preferência acentuada por vocábulos com a conotação de iluminação, claridade, lucidez: “A luz lima/figuras na esquina” (“A Lua Lima”); “luz despenca do cimo/dos edifícios” (“Luz”); “cal/que cai/dos muros brancos. Cal que acompanha/há tantos anos” (“Cal”).

Em outros momentos de *Poemas*, AAM já não fala mais das “coisas claras”, cabralinas, reflexos de luz nos objetos, mas sim do impacto da luz sobre ele, sujeito: “Luz de curtume/ardo/e me incluo” (“Luz de curtume”); “sol/apara esta fala/de som sol-gume. Aqui/eu me consuma/e te cale” (“Sol IV”); “em vão ardem as pestanas/ardem em voz baixa/como quem canta” (“Luz vaza das pálpebras”); e, ao final, dois versos que explicitam o sacrifício do poeta, o sacrifício do artista, a dor da iluminação: “Ao poeta cabe arder/e suportar a luz” (“Tarde”).

Assim, após ter estudado gravura em metal e xilogravura no Pratt Graphics Center (Nova Iorque), feito duas exposições (*Impressões paulistas*, 1987, e *Inspiração da matéria*, 1988), experiências repassadas nas xilogravuras que ilustram o livro, após ter realizado algumas traduções e escrito vários ensaios, Alberto Alexandre Martins estréia agora e bem, numa coleção que já publicou, entre outros, muita gente boa do ramo, como Sebastião Uchoa Leite (*Obra em dobras*), José Paulo Paes (*A poesia está morta mas juro que não fui eu*), e João Moura Jr. (*Páginas Amareladas*). Enfim, nestes tempos de mesmice nas artes pátrias, é estimulante constatar que, pelo menos, no campo da poesia, há algo de novo sob o sol.

Júlio César Lobo
Jornalista